



Gerenciamento do uso de antimicrobianos em serviços de saúde

Mara Rúbia Gonçalves

Gerência de Vigilância e Monitoramento em Serviços de Saúde - GVIMS
Gerência Geral de Tecnologia em Serviços de Saúde - GGTES
Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA

Brasília, 31 de outubro de 2019

Gerência de Vigilância e Monitoramento em Serviços de Saúde (GVIMS/GGTES/Anvisa)

- Programa Nacional de Prevenção e Controle das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde – PNPCIRAS (2016 -2020)
- Programa Nacional de Segurança do Paciente - PNSP



**PROGRAMA NACIONAL DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE
INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE
PNPCIRAS (2016-2020)**





PROGRAMA NACIONAL DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE
INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE
PNPCIRAS (2016-2020)

Objetivo Geral:

Reduzir, em âmbito nacional, a incidência de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) em serviços de saúde



PROGRAMA NACIONAL DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE
INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE
PNPCIRAS (2016-2020)

Objetivos específicos (2016-2020):

1. Consolidar o Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica das IRAS
2. Reduzir nacionalmente a incidência das IRAS prioritárias
3. Prevenir e controlar a disseminação da resistência microbiana em serviços de saúde
4. Consolidar o PNPCIRAS



PROGRAMA NACIONAL DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE
INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE
PNPCIRAS (2016-2020)

Objetivo Específico 3: Prevenir e controlar a disseminação da resistência microbiana em serviços de saúde

Meta 7 – Até 2020, 70% das ações previstas no Plano Nacional para Prevenção e Controle de Resistência Microbiana em Serviços de Saúde executadas, conforme cronograma previsto nesse documento

Meta 8 - Até 2020, 80% de todos os hospitais com leitos de UTI (adulto, pediátrico ou neonatal) notificando os seus dados de Resistência Microbiana (RM) em IPCSL associada a CVC com regularidade de notificação de 10 a 12 meses do ano

Meta 9 – Até 2020, 80% dos hospitais com leitos de UTI adulto, pediátrica ou neonatal com Protocolos de Uso de Antimicrobianos implantados na UTI



Plano Nacional para a Prevenção e o Controle da Resistência Microbiana nos Serviços de Saúde GGTES/ANVISA





Plano Nacional para a Prevenção e o Controle da Resistência Microbiana nos Serviços de Saúde

Objetivo Geral

Detectar, prevenir e controlar a resistência microbiana em serviços de saúde do país

Objetivos Específicos


1. Melhorar a conscientização e a compreensão a respeito da RM nos serviços de saúde por meio de comunicação, educação e formação efetivas
2. Reforçar o conhecimento e a base científica por meio da vigilância e da investigação de infecções e RM em serviços de saúde
3. Reduzir a incidência de infecções com medidas eficazes de prevenção em serviços de saúde
4. Promover o uso racional dos medicamentos antimicrobianos nos serviços de saúde



Plano Nacional para a Prevenção e o Controle da Resistência Microbiana nos Serviços de Saúde

Eixo 4: Utilizar de forma racional os medicamentos antimicrobianos na saúde humana e animal

OBJETIVO ESPECÍFICO GGES 4: Promover o uso racional dos medicamentos antimicrobianos nos serviços de saúde.

Intervenções Estratégicas ANVISA	Ação Estratégica GGES	Atividades	Áreas da ANVISA e Órgãos Envolvidos
Estabelecer estratégias para a qualificação do uso de antimicrobianos nos serviços de saúde	 4.1.1. Promover a implantação de programas de uso racional de antimicrobianos nos serviços de saúde.	4.1.1.1 Publicar e divulgar a Diretriz Nacional para o Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde para os gestores e profissionais da saúde	GGES COORDENAÇÕES DE CONTROLE DE INFECÇÃO
		4.1.1.2. Produzir e distribuir material de divulgação para o uso racional dos antimicrobianos em serviços de saúde	GGES ASCOM
		4.1.1.3. Estabelecer ações para promover a implantação de protocolos de uso racional dos antimicrobianos em UTIs, conforme RDC 07/2010.	GGES VISAs COORDENAÇÕES DE COTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR CNCIRAS



Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde



Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde



Agência Nacional de Vigilância Sanitária

Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde

Gerência de Vigilância e Monitoramento em Serviços de Saúde - GVIMS

Gerência Geral de Tecnologia em Serviços de Saúde - GGTES

Brasília, 28 de dezembro de 2017.

Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde.
GVIMS/GGTES/ANVISA

Aliança para Uso Racional de Antimicrobianos – APUA/Brasil
Associação Brasileira dos Profissionais em Controle de Infecções e Epidemiologia Hospitalar - ABIH
Associação de Medicina Intensiva Brasileira – AMIB
Coordenação Geral de Atenção Hospitalar – Ministério da Saúde – GHOS/MS
Centro de Estudos em Atenção Farmacêutica (CEATENF)/Universidade Federal do Ceará
Conselho Federal de Farmácia – CFF
Conselho Federal de Medicina – CFM
Hospital Universitário - Universidade Federal de Sergipe
Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Hospital Samaritano de São Paulo
Hospital Sírio Libanês
Instituto para Práticas Seguras no Uso de Medicamentos - ISMP Brasil
Sociedade Brasileira de Infectologia - SBI
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP



Agência Nacional
de Vigilância Sanitária

www.anvisa.gov.br

Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde

Objetivo geral

Orientar os profissionais de saúde na elaboração e implementação de programas de gerenciamento do uso de antimicrobianos nos serviços de saúde

Não tem o objetivo de fornecer um modelo de programa de gerenciamento do uso de antimicrobianos





Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde

Gerenciamento do uso de antimicrobianos:

- Garantir o efeito farmacoterapêutico máximo
- Reduzir a ocorrência de eventos adversos
- Prevenir a seleção e a disseminação de microrganismos resistentes
- Diminuir os custos da assistência



Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde

Programa de Gerenciamento de Uso de Antimicrobianos

Conjunto de ações destinadas ao controle do uso desses medicamentos, englobando desde o diagnóstico, a seleção, a prescrição e a dispensação adequadas, as boas práticas de diluição, conservação e administração, além da auditoria e do monitoramento das prescrições, da educação de profissionais e pacientes, do monitoramento do programa até a adoção de medidas intervencionistas, assegurando resultados terapêuticos ótimos com mínimo risco potencial



Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde

Antimicrobial Stewardship Program (ASP)

Definido no Protocolo da Sociedade Americana de Doenças Infecciosas (IDSA) como um conjunto de intervenções coordenadas, destinadas a melhorar e medir o uso adequado de agentes antimicrobianos por meio da promoção da seleção otimizada do regime antimicrobiano ideal





Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde

Ações para a elaboração e implementação do Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos



HOSPITAIS



SERVIÇOS DE ATENÇÃO BÁSICA



Ações para a elaboração e implementação do Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos

Marcos legais:

- Portaria GM/MS nº 2616, de 12/05/1998
- Resolução nº 7, DE 24 DE FEVEREIRO DE 2010 - Dispõe sobre os requisitos mínimos para funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva e dá outras providências





Elementos essenciais para a criação, implantação e execução do Programa nos hospitais

- Apoio da alta direção
- Definição de responsabilidades de todos os profissionais envolvidos
- Educação
- Desenvolvimento de ações para melhorar a prescrição de antimicrobianos
- Monitoramento do programa
- Divulgação de resultados



Elementos essenciais para a criação, implantação e execução do Programa nos hospitais

- Apoio da alta direção
- Definição de responsabilidades de todos os profissionais envolvidos
- Educação
- Desenvolvimento de ações para melhorar a prescrição de antimicrobianos
- Monitoramento do programa
- Divulgação de resultados



Definição de responsabilidades

Time gestor:

- Responsável por definir as políticas e normativas, diretrizes gerais, monitoramento contínuo, propostas de melhoria e retroalimentação dos resultados
- Interdisciplinar: alta gestão institucional; CCIH; equipe médica e de enfermagem; farmácia clínica; laboratório de microbiologia; coordenações de setores estratégicos
- Definição do líder



Definição de responsabilidades

Time operacional:

- Responsável pela elaboração, execução e monitoramento das ações do Programa
- Componentes: infectologista ou médico com expertise em doenças infecciosas, farmacêutico clínico, enfermeiro da CCIH e microbiologista clínico
- Definição de um coordenador ou líder operacional



Elementos essenciais para a criação, implantação e execução do Programa nos hospitais

- Apoio da alta direção
- Definição de responsabilidades de todos os profissionais envolvidos
- Educação
- Desenvolvimento de ações para melhorar a prescrição de antimicrobianos
- Monitoramento do programa
- Divulgação de resultados



EDUCAÇÃO

- Profissionais de saúde
- Pacientes e acompanhantes/cuidadores



Elementos essenciais para a criação, implantação e execução do Programa nos hospitais

- Apoio da alta direção
- Definição de responsabilidades de todos os profissionais envolvidos
- Educação
- Desenvolvimento de ações para melhorar a prescrição de antimicrobianos
- Monitoramento do programa
- Divulgação de resultados



Desenvolvimento de ações para melhorar a prescrição de antimicrobianos

- Utilização de protocolos clínicos para as principais síndromes clínicas
- Adoção das boas práticas de prescrição
- Auditoria prospectiva de prescrição com intervenção e divulgação dos dados
- Readequação da terapia, conforme resultados microbiológicos
- Análise técnica das prescrições pela farmácia
- Restrição com uso de formulário terapêutico e pré-autorização



Utilização de protocolos clínicos para as principais síndromes clínicas

A elaboração de protocolos clínicos com base em evidências científicas e em práticas de consensos é de fundamental importância para orientar as ações dos profissionais de saúde



Utilização de protocolos clínicos para as principais síndromes clínicas

Elaboração de protocolos clínicos:

- realizada por uma equipe multiprofissional
- de acordo com as características clínicas e com os perfis epidemiológico e microbiológico locais
- objetivos, para que na prática clínica seu uso seja simples e rápido
- Estabelecer regime antimicrobiano de escolha, considerando a dose e duração do tratamento
- atualizado periodicamente



Elementos essenciais para a criação, implantação e execução do Programa nos hospitais

- Apoio da alta direção
- Definição de responsabilidades de todos os profissionais envolvidos
- Educação
- Desenvolvimento de ações para melhorar a prescrição de antimicrobianos
- Monitoramento do programa
- Divulgação de resultados



Monitoramento

Objetivo: Avaliar o impacto das intervenções, identificar potenciais áreas de melhoria e promover o retorno das informações para todos os profissionais envolvidos

Indicadores ou medidas de:

- Processo - qualidade na utilização de antimicrobianos
- Desfecho/resultado - resistência microbiana, taxas de infecção por *Clostridium difficile*, resultados clínicos e redução de custos



Elementos essenciais para a criação, implantação e execução do Programa nos hospitais

- Apoio da alta direção
- Definição de responsabilidades de todos os profissionais envolvidos
- Educação
- Desenvolvimento de ações para melhorar a prescrição de antimicrobianos
- Monitoramento do programa
- Divulgação de resultados



Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde



Agência Nacional de Vigilância Sanitária

Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde

Gerência de Vigilância e Monitoramento em Serviços de Saúde - GVIMS

Gerência Geral de Tecnologia em Serviços de Saúde - GGTS

Brasília, 28 de dezembro de 2017.

Diretriz Nacional para Elaboração de Programa de Gerenciamento do Uso de Antimicrobianos em Serviços de Saúde.

GVIMS/GGTS/ANVISA

Hotsite Segurança do Paciente

<https://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/>

<https://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/publicacoes/item/diretriz-nacional-para-elaboracao-de-programa-de-gerenciamento-do-uso-de-antimicrobianos-em-servicos-de-saude>



Agência Nacional de Vigilância Sanitária

www.anvisa.gov.br

ASSUNTOS

- Agrotóxicos
- Alimentos
- Cosméticos
- Laboratórios Analíticos
- Medicamentos
- Portos, Aeroportos e Fronteiras
- Produtos para a Saúde
- Saneantes
- Sangue, Tecidos, Células e Órgãos
- Serviços de Saúde**
- Tabaco
- Farmacopeia

ACESSO À INFORMAÇÃO

- Institucional
- Auditorias

Chá Canela de Velho interdito por não ter registro

suspensos

Chá Canela de Velho interdito por não ter registro

VEJA MAIS >

Destaques

Inscreva-se para o debate do relatório Anvisa-AMCHAM

Farmacopeia terá aumento de 50% no total de monografias

Emagrecedor clandestino tem comércio proibido

SERVIÇOS

Consulte produtos registrados >

Consulte preços de medicamentos >

Consulte empresas regularizadas >

Consulte produtos irregulares >

Notifique problemas em produtos e serviços >

ACESSE A LISTA DE SERVIÇOS

Importação

Portos, aeroportos e fronteiras

Medicamentos

SERVIÇOS DE SAÚDE

Consultas e Serviços

Coordenações Estaduais de Controle de Infecção Hospitalar

Coordenações Municipais de Controle de Infecção Hospitalar

Núcleos de Segurança do Paciente – VISA

Núcleos de Segurança do Paciente

▶ Cidadão

▶ Serviços e Profissionais de Saúde

▶ Vigilâncias Sanitárias

▶ Informações Técnicas

▶ Atividades

Notícias

Publicações

Perguntas Frequentes



Oficina debate cenário de emergências em saúde pública

Segurança do paciente



Hotsite

Cidadãos e profissionais podem ter acesso a informações e fazer denúncias sobre a assistência à saúde

ACESSE MAIS >

Cidadão



Notificação

Notifique aqui situações que tenham prejudicado a saúde de alguém durante a internação ou atendimento

ACESSE MAIS >

Acompanhe a reunião pública da Anvisa a partir das 10h

Atualizada taxa de fiscalização de Vigilância Sanitária

Educanvisa rompe barreiras da educação e da saúde

Anvisa e Inmetro: parceria para proteger a saúde da ...

VEJA MAIS

Últimos Informes

COMUNICADO DE RISCO N 01 2016
GVIMS GGTES ANVISA

Comunicado de risco nº 002 de 2013 -
GVIMS-GGTES-ANVISA

Nota técnica 01 - 2017 - Formulários
de Notificação 2017 revisada

Nota técnica 02_2017

ACESSE MAIS >

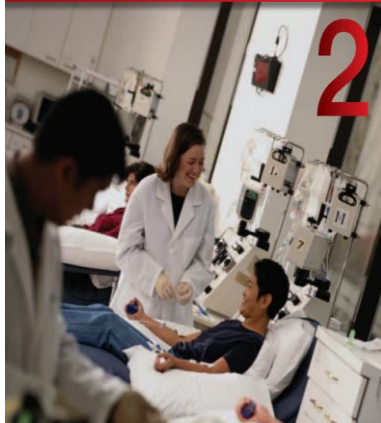
Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Assistência Segura: Uma Reflexão Teórica Aplicada à Prática



Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Critérios Diagnósticos de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde



Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Critérios Diagnósticos de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde *Neonatologia*



Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Medidas de Prevenção de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde

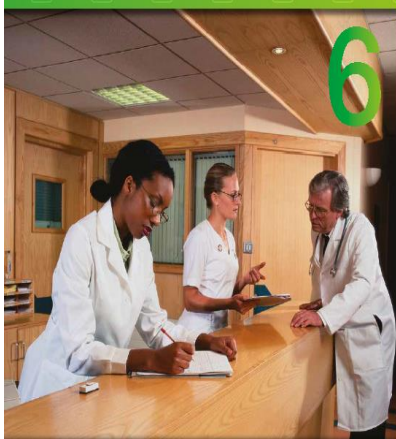


Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Investigação de Eventos Adversos em Serviços de Saúde



Implantação do Núcleo de Segurança do Paciente em Serviços de Saúde



Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Gestão de Riscos e Investigação de Eventos Adversos Relacionados à Assistência à Saúde



Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Medidas de Prevenção e Critérios Diagnósticos de Infecções Puerperais em Parto Vaginal e Cirurgia Cesariana



Série
Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde

Medidas de Prevenção de Endoftalmites e de Síndrome Tóxica do Segmento Anterior Relacionadas a Procedimentos Oftalmológicos Invasivos



Agência Nacional
de Vigilância Sanitária

GVIMS/GGTES/ANVISA

www.anvisa.gov.br



PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO DE INFECÇÃO PUERPERAL PARA O PARTO CESARIANA



Medidas de Prevenção de Infecção Puerperal no Pré-parto

- 1. Higiene das mãos
- 2. Uso de luvas
- 3. Higiene genital
- 4. Preparação da pele
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção

Medidas de Prevenção de Infecção Puerperal Intra-operatório

- 1. Higiene das mãos
- 2. Uso de luvas
- 3. Higiene genital
- 4. Preparação da pele
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção

Medidas de Prevenção de Infecção Puerperal no Pós-operatório

- 1. Higiene das mãos
- 2. Uso de luvas
- 3. Higiene genital
- 4. Preparação da pele
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção

Medidas Gerais de Prevenção e Controle

- 1. Higiene das mãos
- 2. Uso de luvas
- 3. Higiene genital
- 4. Preparação da pele
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção



PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO DE INFECÇÃO CIRÚRGICA



1. Higiene das mãos pelos profissionais de saúde, seguindo a técnica correta.

- 1.1. Indicação apropriada
- 1.2. Escovar o medicamento adequado, levando em consideração o tipo de operação
- 1.3. Aplicar dose efetiva em até 60 minutos antes da incisão cirúrgica
- 1.4. Atenção especial em relação ao uso de lençóis, toalhas e gaze antes de insuflar o balão
- 1.5. Descontaminar em 24 horas
- 1.6. Aplicar a dose para pacientes obesos
- 1.7. Repetir as doses em cirurgias prolongadas
- 1.8. Controlar administração via intravenosa (IVI) e via oral (IVO) de antibióticos para cirurgia colônica

2. Tétanos

- 2.1. Realizar somente quando necessário
- 2.2. Não utilizar lençóis

3. Controle de glicemia no pré-operatório e no pós-operatório imediato

4. Manutenção da normotermia do paciente em todo perioperatório

- 4.1. Usar preparações que contêm álcool associadas a clorexidina no local no preparo da pele do paciente antes da cirurgia

5. Utilizar a Lista de Verificação de Segurança Cirúrgica (VSC) para revisar a ocorrência de danos ao paciente

6. Realizar vigilância de casos de infecção por busca ativa

- 6.1. Orientar pacientes e familiares sobre as principais medidas de prevenção de infecção do Sítio Cirúrgico (ISC)
- 6.2. Higiene das mãos, cuidados com curativos e dreno, etc.



PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO DE INFECÇÃO DO TRATO URINÁRIO ASSOCIADA À CÂTER VESICAL DE DEMORA (ITU-A)



1. Higiene das mãos
2. Higiene genital
3. Preparação da pele
4. Preparação da sala de parto
5. Administração de antibióticos
6. Preparação da sala de parto
7. Monitoramento de sinais vitais
8. Monitoramento de sinais de infecção
9. Monitoramento de sinais de infecção
10. Monitoramento de sinais de infecção
11. Monitoramento de sinais de infecção
12. Monitoramento de sinais de infecção
13. Monitoramento de sinais de infecção
14. Monitoramento de sinais de infecção
15. Monitoramento de sinais de infecção
16. Monitoramento de sinais de infecção
17. Monitoramento de sinais de infecção
18. Monitoramento de sinais de infecção
19. Monitoramento de sinais de infecção
20. Monitoramento de sinais de infecção

Pacote de Medidas para Prevenção de ITU-A

- 1. Higiene das mãos
- 2. Higiene genital
- 3. Preparação da pele
- 4. Preparação da sala de parto
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção



PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO DE INFECÇÃO PUERPERAL PARA O PARTO VAGINAL



Medidas de Prevenção de Infecção Puerperal no Pré-parto

- 1. Higiene das mãos
- 2. Uso de luvas
- 3. Higiene genital
- 4. Preparação da pele
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção

Medidas de Prevenção de Infecção Puerperal no Intraparto

- 1. Higiene das mãos
- 2. Uso de luvas
- 3. Higiene genital
- 4. Preparação da pele
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção

Medidas de Prevenção de Infecção Puerperal no Pós-parto

- 1. Higiene das mãos
- 2. Uso de luvas
- 3. Higiene genital
- 4. Preparação da pele
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção



PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO DE PNEUMONIA ASSOCIADA À VENTILAÇÃO MECÂNICA



- 1. Todos os profissionais de saúde devem higienizar suas mãos, seguindo a técnica correta
- 2. Manter paciente em decúbito elevado (30-45 graus)
- 3. Adequar diariamente o nível de sedação e realizar teste de respiração espontânea
- 4. Aspirar a secreção subglótica rotineiramente
- 5. Realizar a higiene oral do paciente com antissépticos
- 6. Fazer uso criterioso de bloqueadores neuromusculares
- 7. Dar preferência por utilizar ventilação mecânica não-invasiva
- 8. Alertar para os períodos de troca do circuito do ventilador
- 9. Observar a indicação e os cuidados com os umidificadores e sistemas de aspiração
- 10. Evitar extubação não programada (accidental e reintubação do paciente)
- 11. Monitorar a pressão do cuff do tubo
- 12. Dar preferência à intubação orotraqueal

Realizar de forma criteriosa o processamento dos produtos de assistência respiratória, em conformidade com as evidências científicas disponíveis e as normas sanitárias vigentes.



PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO DE INFECÇÃO DA CORRENTE SANGÜÍNEA



Boas Práticas de Inserção e Manutenção do Cateter Venoso Central

- 1. Higiene das mãos
- 2. Higiene genital
- 3. Preparação da pele
- 4. Preparação da sala de parto
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção



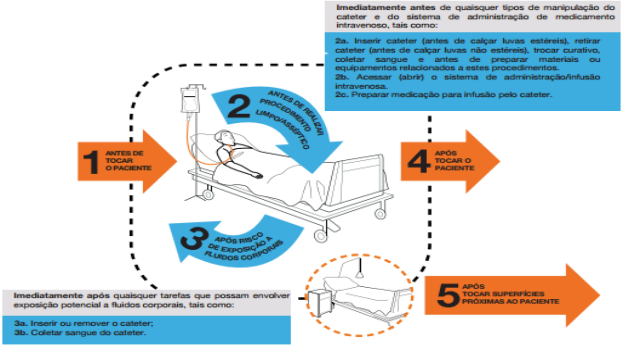
CIRURGIA SEGURA EM SERVIÇOS DE SAÚDE



- 1. Higiene das mãos
- 2. Higiene genital
- 3. Preparação da pele
- 4. Preparação da sala de parto
- 5. Administração de antibióticos
- 6. Preparação da sala de parto
- 7. Monitoramento de sinais vitais
- 8. Monitoramento de sinais de infecção
- 9. Monitoramento de sinais de infecção
- 10. Monitoramento de sinais de infecção
- 11. Monitoramento de sinais de infecção
- 12. Monitoramento de sinais de infecção
- 13. Monitoramento de sinais de infecção
- 14. Monitoramento de sinais de infecção
- 15. Monitoramento de sinais de infecção
- 16. Monitoramento de sinais de infecção
- 17. Monitoramento de sinais de infecção
- 18. Monitoramento de sinais de infecção
- 19. Monitoramento de sinais de infecção
- 20. Monitoramento de sinais de infecção

Meus 5 Momentos para Higiene das Mãos

Foco no cuidado do paciente com cateter venoso central

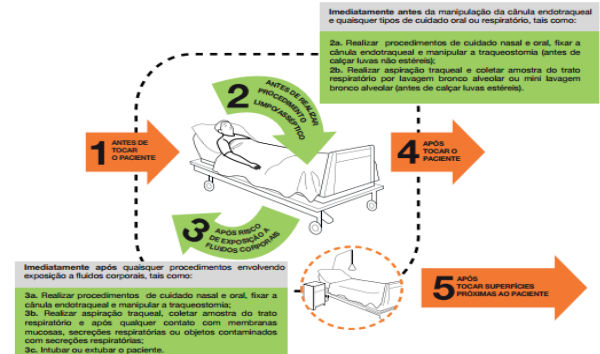


Considerações adicionais fundamentais para cateteres venosos centrais

- Indicação:** Assegurar que o uso do cateter venoso central tenha indicação clínica. Remover o cateter assim que não houver necessidade/indicação clínica.
- Inserção/manutenção/remoção:**
 - 2.1. Evitar inserir cateter na veia femoral;
 - 2.2. Preparar a pele aplicando antisséptico antes da inserção do cateter (preferencialmente com solução de cloroxidina alcohólica 0,5% a 2%);
 - 2.3. Utilizar precaução de máxima barreira durante a inserção do cateter (gown, máscara cirúrgica, óculos/escudo de proteção, luvas estéreis e campo estéril que cubra todo o paciente);
 - 2.4. Substituir cobertura tipo gaze a cada dois dias e a película transparente a cada 7 dias; trocar a cobertura sempre que visivelmente suja;
- Monitoramento:**
 - 2.5. Considerar a troca do equipo para administração de sangue e hemoderivados, quimioterápicos e emulsões lipídicas dentro do prazo de 24 horas após o início da infusão. Considerar a troca de todos os outros equipos a cada 96 horas;
 - 2.6. Utilizar técnica asséptica para todas as manipulações do cateter;
 - 2.7. Flucionar a conexão/connector com solução de cloroxidina alcohólica no mínimo por 15 segundos;

Meus 5 Momentos para Higiene das Mãos

Foco no cuidado do paciente com cânula endotraqueal



CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS E FUNDAMENTAIS PARA PACIENTES ADULTOS COM CÂNULA ENDOTRAQUEAL E EM VENTILAÇÃO MECÂNICA

- Utilize a ventilação não invasiva sempre que apropriado, evitando intubação desnecessária.
- Utilize cânulas endotraqueais com aspiração subglótica para pacientes com previsão de mais de 48 horas de intubação;
- Manter decúbito elevado (30°-45°);
- Adequar diariamente o nível de sedação e utilizar menor dose possível de sedativos;
- Avaliar diariamente a possibilidade de prontidão do paciente para a desintubação, favorecendo a respiração espontânea sem sedativos (em pacientes sem contra-indicações);
- Fazer a higiene oral com antissépticos, usando luvas não estéreis;
- Estimular a mobilização precoce para manter e melhorar a condição física;
- Trocar o circuito do ventilador apenas se visivelmente sujo ou com mau funcionamento.

Meus 5 Momentos para Higiene das Mãos

Foco no cuidado do paciente com cateter urinário



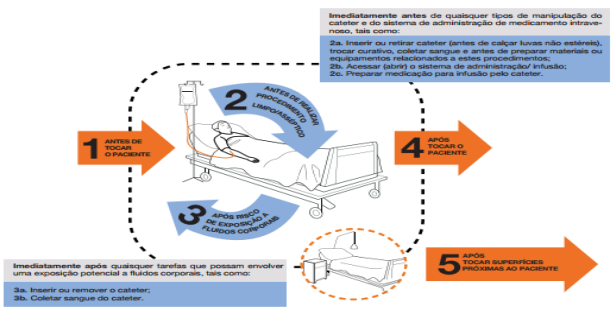
5 CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS FUNDAMENTAIS PARA PACIENTE COM CATETER URINÁRIO

- Certificar-se que há indicação apropriada para uso de cateter urinário de demora;
- Usar sistema de drenagem fechado com válvula antirrefluxo e mantê-lo fechado;
- Inserir o cateter com técnica asséptica, usando luvas estéreis;
- Avaliar o paciente diariamente para determinar se o cateter ainda é necessário;
- Pacientes com cateter urinário de demora não necessitam de antibióticos (incluindo bacteriúria assintomática), a menos que tenham infecção documentada.



Meus 5 Momentos para Higiene das Mãos

Foco no cuidado do paciente com cateter venoso periférico



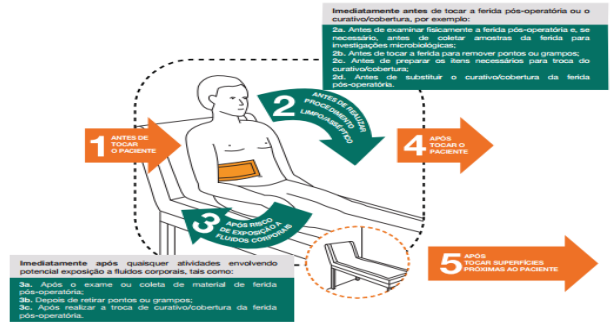
Considerações adicionais fundamentais para Cateteres Venosos Periféricos

- Indicação:** Assegurar que o uso do cateter venoso periférico tenha indicação clínica. Remover o cateter assim que não houver mais indicação clínica.
- Inserção/manutenção/remoção:**
 - 2.1. Preparar a pele aplicando antisséptico (álcool 70%, cloroxidina 0,5% a 2% ou gluconato de cloroxidina 0,5% a 2%) antes de inserir o cateter;
 - 2.2. Calçar luvas não estéreis para inserir, remover e coletar sangue do cateter, com técnica asséptica;
 - 2.3. Substituir a cobertura tipo gaze a cada dois dias e a película transparente a cada 7 dias; trocar a cobertura sempre que visivelmente suja;
- Monitoramento:**
 - 2.4. Considerar a troca de equipamentos para administração de sangue e hemoderivados, quimioterápicos e emulsões lipídicas dentro de 24 horas após o início da infusão e a troca de todos os outros equipos a cada 96 horas;
 - 2.5. Registrar a data e o horário da inserção e da remoção do cateter, bem como da troca de curativo, verificar diariamente a condição (aspecto visual) do sítio de inserção do cateter;



Meus 5 Momentos para Higiene das Mãos

Foco no cuidado do paciente com ferida pós-operatória



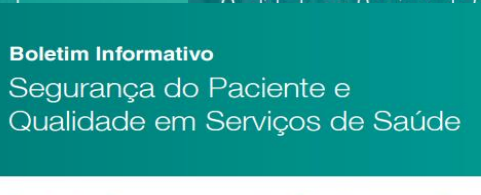
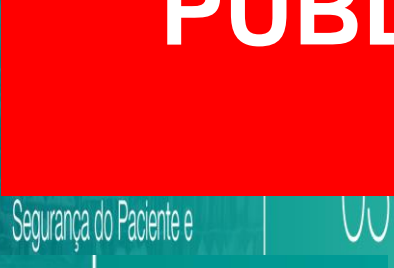
Considerações adicionais fundamentais para feridas pós-operatórias

- Evitar tocar sem necessidade o local da ferida pós-operatória e o próprio paciente;
- Usar luvas ao tocar curativos ou fluidos corporais, a necessidade em seguir os 5 Momentos da OMS para Higiene das Mãos;
- Se não houver evidências científicas que comprovem a necessidade de uso de antibióticos sistêmicos para qualquer procedimento necessário com a ferida ou troca de curativo/cobertura, não toque nos curativos/curativos durante pelo menos 48 horas após a cirurgia;
- O curativo ou a cobertura deve ser feita com técnica asséptica;
- Se a pele ao redor da ferida estiver suja ou com secreções visíveis, deve-se limpar a pele com solução de álcool 70% antes de aplicar o curativo/cobertura;
- Se o sistema de drenagem estiver conectado à ferida, deve-se desinfetar o sítio de conexão com solução de álcool 70% antes de tocar a conexão;
- Se a pele ao redor da ferida estiver suja ou com secreções visíveis, deve-se limpar a pele com solução de álcool 70% antes de aplicar o curativo/cobertura;
- Se a pele ao redor da ferida estiver suja ou com secreções visíveis, deve-se limpar a pele com solução de álcool 70% antes de aplicar o curativo/cobertura;
- Se a pele ao redor da ferida estiver suja ou com secreções visíveis, deve-se limpar a pele com solução de álcool 70% antes de aplicar o curativo/cobertura;





16 BOLETINS PUBLICADOS



Rede Nacional de Monitoramento da Resistência Microbiana em Serviços de Saúde - Rede RM
Relatório da resistência microbiana em infecções primárias de corrente sanguínea confirmadas laboratorialmente, relacionadas ao uso de cateter venoso central, em unidades de terapia intensiva (2013)

INTRODUÇÃO

Neste relatório são apresentados os agentes etiológicos e os fenótipos de resistência notificados ao Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS) que foram responsáveis por causar infecções primárias de corrente sanguínea confirmadas laboratorialmente (IPCSL), associadas ao uso de cateter venoso central (CVC) em pacientes adultos, pediátricos e neonatos internados em unidades de terapia intensiva (UTIs) entre janeiro e dezembro de 2013. A metodologia de coleta e análise dos dados foi a mesma empregada no ano de 2012 e reportada no Boletim Informativo Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde nº 7 - Rede Nacional de Monitoramento da Resistência Microbiana em Serviços de Saúde - Rede RM: Resistência Microbiana em IPCSL relacionada a CVC em UTI (2012), publicado em maio de 2014.

MATERIAL E MÉTODOS

Nesta Edição:
Introdução
Material e Métodos
Resultados
Discussão
Anexo
Referências Bibliográficas

Indicador Nacional de Infecção Hospitalar Primária de Corrente Sanguínea Aséptica em Unidades de Terapia Intensiva Brasileiras no ano 2013

Introdução

Os incidentes relacionados à assistência à saúde, especialmente os eventos adversos (EAs), constituem um problema de saúde pública, necessitando de respostas efetivas e imediatas para sua redução em serviços de saúde (FRAGATA, 2011).

Boletim Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde – Incidentes Relacionados à Assistência à Saúde – 2014

INTRODUÇÃO

O movimento pela segurança do paciente estimula uma forma de repensar os processos assistenciais, com o intuito de identificar a ocorrência de falhas antes que causem danos aos pacientes na atenção à saúde. Sabe-se que a segurança do paciente é uma das dimensões da qualidade dos serviços de saúde e, assim, segurança e qualidade são indissociáveis (GAMA & SATURNO, 2013).

Neste contexto, em maio de 2002, a 55ª Assembleia Mundial da Saúde adotou a resolução *World Health Assembly* (WHA) 55.18 – “Qualidade da atenção: segurança do paciente”, que solicitava urgência aos Estados-membros da Organização Mundial da Saúde (OMS) em dedicar maior atenção ao problema da segurança do paciente. Em 2004, dando continuidade a esta iniciativa, a 57ª Assembleia Mundial da Saúde apoiou a criação da Aliança Mundial para a Segurança do Paciente, para liderar os programas de segurança do paciente no âmbito internacional (WHO, 2008; DONALDSON & FLETCHER, 2006).

Nesta Edição:
Introdução
Resultados e discussão
Metodologia
Considerações finais
Bibliografia

RESISTÊNCIA BACTERIANA AOS ANTIBIÓTICOS



Cartilha Resistência Bacteriana aos Antimicrobianos

<https://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/noticias/132-anvisa-apoia-publicacao-de-cartilha-sobre-resistencia-microbiana>

#HigienizaçãodeMãos # ResistênciaMicrobiana



A LUTA CONTRA A RESISTÊNCIA MICROBIANA ESTÁ EM SUAS MÃOS



Organização
Pan-Americana
da Saúde



Organização
Mundial da Saúde
ESCritório REGIONAL PARA AS Américas



ANVISA
Agência Nacional de Vigilância Sanitária

MINISTÉRIO DA
SAÚDE





**Agência Nacional
de Vigilância Sanitária**

Obrigada!

gvims@anvisa.gov.br